

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

### **A CLEMÊNCIA DE AUGUSTO, SEGUNDO O LIVRO II DOS TRISTIA**

*Eliana da Cunha Lopes (FGS)*  
[elianalatim@yahoo.com.br](mailto:elianalatim@yahoo.com.br)

As Obras de Ovídio foram lidas e apreciadas em todos os tempos. Na Idade Média, muito embora fosse um autor pagão, tivesse escrito sobre mito e deuses e pregado comportamento censurado pela ética do Cristianismo, Ovídio figurou nas “listas” de autores cuja leitura era “permitida”, a partir do século XII. (CORREIA & FERREIRA, 1992, p. 11).

#### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo mostrar que o poeta Ovídio (43 a. C-18 d. C), confiante na clemência de Augusto, suplicou o abrandamento da pena a ele imposta. Implora um desterro mais brando e mais próximo da *URBS* tão amada e, outrora, intensamente vivida por ele.

Utilizaremos, particularmente, os versos de 1 a 60, retirados da elegia única do Livro II dos *Tristia*, poema elegíaco escrito após ser banido para Tômis, (atual Constanza, na Romênia) a região mais remota dos domínios romanos.

A obra foi escrita pelo sulmonense em dísticos elegíacos (hexâmetro e pentâmetro) e nestes 578 versos, de uma única elegia, o poeta nos relata todo o seu sofrimento, desventuras e os infortúnios em razão de seu banimento e queixa-se do frio rigoroso e da proximidade de inimigos bárbaros (os gestas).

Nos versos 7-8, ressalta:

*Carmina ferunt, ut me moresque notaret  
Iam demum visa Caesar ab Arte meos.*

Estes versos fizeram que César condenasse a mim e a meus costumes por causa da Arte que ela ordenou que fosse logo excluída.

A obra aqui mencionada – Arte de Amar – foi o motivo oficial de seu castigo, mas, em verdade, ela não contém nenhum preceito a-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

tentatório à moral pública visto que Roma, em sua vida cotidiana, a tudo favorecia para a corrupção dos costumes. Além disso, as matronas e as noras romanas por ordem do Imperador (v. 23-24) faziam-se presentes nos espetáculos dos teatros, nos jogos circenses, nos templos e, pelas ruas, deparavam com cenas licenciosas. Apesar desta decisão imperial, as obras ovidianas sobreviveram até hoje aos poderes constituídos e, como foi registrado na epígrafe de nosso trabalho *elas foram lidas em todos os tempos... e Ovídio figurou nas listas de autores cuja leitura era permitida, a partir do século XII*. Ressaltamos, também, que vários autores gregos: Anacronte, Safo, Menandro, Homero e latinos: Catulo, Tibulo, Propércio e Vergílio dentre outros celebraram o amor com temas licenciosos e mordazes, mas não sofreram sanção do Imperador. Desfaz-se assim, o motivo pelo qual apenas ele- Ovídio- foi punido (*relegatus*) na velhice, por sua criação poética escrita na juventude.

Em Roma, a elegia se desenvolveu como gênero de poesia com característica próprias e bem definidas, diferentemente da Grécia. Na época de Augusto, muitos poetas escreveram livros de elegias, como Tibulo, Propércio e Ovídio impulsionados pela *PAX ROMANA*. Os verdadeiros *carmen et error* que conduziram Ovídio ao banimento são, até hoje, uma grande incógnita na literatura latina de todos os tempos. O que sabemos nos é relatado na própria obra do autor. Na elegia I, do Livro V, v. 7-14 dos *Tristia*, Ovídio escreve os seguintes versos:

*Integer et laetus laeta et iuuenalia lusi;  
Illa tamen nunc me composuisse piget.  
Ut cecidi, subiti perago praeconia casus  
Sumque argumenti conditor ipse mei.  
Utque iacens ripa deflere Caystrius ales  
Dicitur ore suam deficiente necem  
Sic ego Sarmaticas longe proiectus in oras  
Efficio tacitum ne mihi funus eat.*

São e salvo, escrevi versos alegres e juvenis. Agora, entretanto, entronho-me de tê-los composto. Depois que cai, faço a narração de minha repentina catástrofe; e eu próprio sou o personagem de minha poesia. E como a ave do rio Caistro caída na praia, conta-se, chora sua morte com a voz moribunda, assim eu, arremessado ao longe para as regiões sarmáticas, esforço-me para que meu funeral não passe silencioso.

Nesta passagem, o poeta refere-se ao banimento para Tômis utilizando o verbo *cecidi* (v. 3) – cair-. Ovídio nos mostra que, para

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

ele, este raio de Augusto soou-lhe como uma queda brusca em sua vida. Ser exilado, para Ovídio, equivale a *privar-se* dos valores encarnados na *URBS*, penetrando num espaço e num tempo onde predomina a imagem da morte. O poeta vê-se narrador e personagem (conditor- v. 10) de sua própria catástrofe.

Ao escrever o verso 10:

*Sumque argumenti conditor ipse mei;*

E ao enfatizar nos versos 13 e 14:

*Sic ego, Sarmaticas longe projectus in oras,  
Efficio tacitum ne mihi funus est.*

E, ao delimitar o tempo presente, a velhice, utiliza o advérbio *nunc*, e o verbo no passado *lusi*, para lamentar um passado de glórias e prazeres na *URBS*; para registrar os momentos ditosos da juventude, lança mão dos adjetivos *laetus/ laeta* (v. 1) e do substantivo *iuu-enilia* (v. 1) e se diz *integer* (v. 1).

Nos versos 121-122 da elegia 1 do Livro 1, o adjetivo *laetus/ laeta*, assim como o advérbio *nunc* e o verbo *fui* são utilizados para marcar a mesma oposição temporal presente/passado (tristeza e alegria).

*Namque ea dissimilis subito est effecta priori;  
Flendaque nunc, aliquo tempore laeta fuit.*

Porque ela se tornou de repente diferente da anterior; é deplorável agora, mas foi ditosa algum tempo.

O *corpus* ovidiano em questão, livro II dos *Tristia*, contém uma única elegia de 578 versos. O total da obra é composto por cinco livros, constituídos de elegias escritas no exílio, em dísticos formados de hexâmetros datílios seguidos de pentâmetros. São cartas enviadas a Roma pelo poeta nas quais narra a angústia e o infortúnio por ele vividos quando afastado de Roma, dos amigos e do convívio familiar. Fala-nos da esperança na clemência de Augusto e nesse local escreve versos, pois nada tem a fazer entre os bárbaros. Conscientiza-se de que sua poesia o arruinou, e, sozinho e *arremessado ao longe para as regiões sarmáticas* faz uma reflexão sobre sua vida pública e privada, sua obra e seu futuro. Dirige preces ao imperador e a toda família imperial, proclamando sua profunda admiração pelo soberano no verso 57:

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

*Optavi peteres caelestia sidera tarde*

Desejei que fosses para os astros celestes muito tarde.

*Parsque fui turbae parua precantis idem;* (v. 58)

E fui uma parte pequena da multidão que suplicava aos deuses o mesmo favor.

*Hunc animum fauisse tibi, uir maxime, meque,  
Qua sola potui, mente fuisse tuum.* (v. 55-56)

Este meu coração foi favorável a ti, ó ilustríssimo Varão, e que fui teu admirador com o único sentimento de afeição que pude ter.

*Et pia tura dedi pro te cumque omnibus unus  
Ipse quoque adjuvi publica vota meis.* (v. 59-60)

... ofereci incensos sagrados por ti e eu próprio sozinho, junto com todos, associei-me às súplicas populares.

Defende sua obra *ARS AMATORIA*, supõe que Augusto não lerá suas cartas escritas em versos ligeiros – versos elegíacos – e sendo ele, com justiça, chamado pai e soberano dos deuses (v. 37) dedica-se, apenas, a leituras grandiloquentes. Deduz, portanto, que o imperador não condenaria uma obra que não se interessa por ler.

*Iure igitur genitorque deum rectorque vocatur,* (v. 37)

*Tu quoque, cum patriae rector dicare paterque,  
Vtere more dei nomen habentis idem.* (v. 39-40)

Tu, também, porque és chamado dirigente e pai da pátria, segue o costume do deus que possui o mesmo nome (Júpiter).

Ovídio diz não possuir talento para compor versos grandiloquentes, versos heroicos como Vergílio e outros poetas. Em suas cartas elegíacas, o poeta não cita nenhum contemporâneo vivo para não os prejudicar perante o Imperador.

No verso 9, o poeta sulmonense defende sua criação poético-literária.

*Deme mihi studium, uitae quoque crimina demes.*

Separa de mim a minha criação poética e tu tirarás também os crimes de minha vida.

Os versos 29 e 31, do *corpus* estudado,

*Illa quidem iusta est, nec me meruisse negabo-*

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

Em verdade, ela (a minha pena) é justa, e não negarei que a mereci...  
e no verso 31,

*Sed, nisi peccassem, quid tu concedere posses*

Mas se eu não tivesse errado, o que tu poderias perdoar  
remete-nos à poesia lírico-religiosa do poeta barroco Gregório de  
Matos, o Boca do Inferno, que em seu Soneto, abaixo transcrito, nos  
v. 12-14 se diz culpado de seus atos e suplica a Jesus que o perdoe.

### Soneto 1

*Ao mesmo assunto e na Mesma Ocasião*

Pequei Senhor: mas não porque hei pecado,  
Da vossa Alta Piedade me despido:  
Antes, quanto mais tenho delinquido,  
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

5 Se basta a vos irar tanto pecado,  
A *abrandar*-vos sobeja um só gemido:  
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,  
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida, já cobrada,  
10 Glória tal, e prazer tão repentino  
Vos deu, como afirmais na Sacra História,

Eu sou, Senhor, ovelha desgarrada;  
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,  
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

O Pastor Divino de Gregório de Matos é Jesus; o deus de Ovídio é Augusto homenageado nos v. 37, 39 e 40),

*Iure igitur genitorque deum rectorque vocatur;*

Com justiça, portanto, é chamado pai e soberano dos deuses.

*Tu quoque, cum patriae rector dicare paterque, ...*

Tu, também, porque és chamado dirigente e pai da pátria...

*Utere more dei nomen habentis idem.*

Segue o costume do deus que tem o mesmo nome.

Ovídio está dividido entre seu fazer poético e seu crime condenado pelo Imperador, conforme relata-nos no verso 10.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

*Acceptum refero uersibus esse nocens.*

Reconheço que a minha inspiração foi reconhecida como nociva por causa dos meus versos.

*Carmina fecerunt, ut me moresque notaret  
Iam demi iussa Caesar ab arte meos. (vv 7-8)*

Estes versos fizeram que César condenasse a mim e a meus costumes por causa da Arte que ele ordenou que fosse logo excluída.

Gregório divide-se entre o pecado e a virtude, sente culpa por pecar e busca a salvação. Ovídio busca a clemência do Imperador.

Ovídio se vê novamente a tropeçar nestas pedras maléficas e compara seu retorno ao do gladiador vencido que retorna à arena e ao navio naufragado que também retorna às ondas enfurecidas do mar, vejamos os v. 16-18:

*Saxa malum refero rursus ad icta pedem,  
Scilicet ut uictus repetit gladiator arenam  
Et redit in tumidas naufraga puppis aquas.*

Eu coloco novamente meus pés descuidados nestas pedras por eles atingidas – assim como o gladiador vencido retorna para a arena e como o navio naufragado volta para as ondas enfurecidas.

Mas, o poeta vê na magnanimidade do *Clementíssimo César* (v. 27) o seu perdão. Da mesma forma que Deus cumprirá sua promessa de perdoar os pecadores de seu rebanho, Augusto, segundo Ovídio, deverá cometer o ato do perdão para com o poeta.

*Sed, nisi peccassem, quid tu condere posses?* (v. 31)

Mas, se eu não tivesse errado o que tu poderias perdoar?

Visto que o Imperador é, também, um deus presente e visível, *praesentem conspicuumque deum...* (v. 54), um Ilustríssimo Varão, *...uir maxime* (v. 55), que após o ato de perdão será reconhecido, mais uma vez, pela sua bondade.

*Materiam ueniae sors tibi nostra dedit.* (v. 32)

Minha sorte te deu motivo para meu perdão.

*Tu ueniam parti superatae saepe dedisti,  
Non concessurus quam tibi victor erat.* (v. 43-44)

Tu, deste, muitas vezes, ao partido vencido o perdão que o vencedor nunca te daria.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

O eu – lírico, em Gregório, muitas vezes, se comporta como advogado que faz a própria defesa diante de Deus. (v. 1-2)

Pequei Senhor: mas não porque hei pecado,  
Da vossa Alta Piedade me despido:

Em Ovídio, encontramos também esta autodefesa diante do seu deus presente e visível

*An semel est poenam commeruisse parum?* (v. 4)

Por acaso, é pouco ter merecido o castigo uma vez?

*Si saperem, doctas odissem jure sorores,  
Numina cultori pernicioso suo.* (v. 13-14)

Se eu fosse prudente, odiaria, com razão, as irmãs sábias, divindades nocivas ao seu cultuador.

*Causa mea est melhor, qui nec contraria dicor  
Arma, nec hostiles esse secutus opes.* (v. 51-52)

Minha causa é melhor porque eu não sou acusado de ter seguido armas contrárias nem forças inimigas.

Assim como Ovídio, Gregório de Matos também foi perseguido por causa de sua criação poética. Suas sátiras o levaram ao exílio em Angola de onde regressou em 1695, fixando-se em Pernambuco e morrendo um ano mais tarde. Para Ovídio, o exílio foi sua sepultura. No Livro III, 3, 71-76 pode-se ler uma elegia impregnada de um léxico funerário. Nesta elegia, o poeta cômico do seu infortúnio, de ser *relegatus* e atordoado pela angústia da morte, deixa registrado o seu próprio epitáfio e pede que estes versos sejam gravados com letras grandes, pois o viajante os lerá muito apressadamente. (v. 71-72)

*Quosque legat versus oculo properante viator,  
Grandibus in tumuli marmore caede notis:*

Eis o epitáfio:

*Hic ego qui jaceo, tenerorum lusor amorum,  
Ingenio perii Naso poeta meo.  
At tibi, qui transis, ne sit grave, quisquis amasti,  
Dicere: Nasonis molliter ossa cubent.* (v. 73-76)

Eu, o poeta Nasão, cantor dos ternos amores, que aqui repouso, peeci por causa do meu talento. Mas, ó viajante que passas, quem quer que tu amaste que não te seja penoso dizer: que as cinzas de Nasão descansam em paz.”

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Podemos observar que no v. 2 do *corpus* analisado e no v. 74 do epitáfio a repetição do mesmo sintagma:

*Ingenio perii...../ Ingenio perii ...*

Pereci / sucumbi por causa do meu talento.

Nestes versos (73-76), como no v. 2, 1, 2 encontramos um léxico que nos remete a um campo semântico fúnebre, triste e revelador da consciência do poeta: *perii, molliter, ossa, jaceo; in tumuli marmore* (v. 72), *perii* (v. 2).

Há outro Soneto de Gregório de Matos que nos remete ao assunto tratado por Ovídio entre os versos 1 a 60, *corpus* deste trabalho. Diz-nos Gregório:

### Soneto 2

A Cristo S. N. crucificado estando o poeta na última hora de sua vida

Meu Deus, que estais pendente de uma madeiro,  
Em cuja lei protesto de viver,  
Em cuja santa lei hei de morrer  
Animoso, constante, firme e inteiro:

Neste lance, por ser o derradeiro,  
Pois vejo a minha vida anoitecer,  
É, meu Jesus, a hora de se ver  
A brandura de um Pai, manso cordeiro.

Mui grande é vosso amor e o meu delito;  
Porém pode ter fim todo o pecar,  
E não o vosso amor, que é infinito

Esta razão me obriga a confiar,  
Que, por mais que pequei, neste conflito  
Espero em vosso amor de me salvar.

Nos v. 3-4, Gregório afirma que sob a jurisdição de Deus ele irá morrer *animoso, constante, firme e inteiro*. Ovídio, também, deseja morrer sob as rédeas do governo de Augusto com as mesmas características de Gregório, porém, após receber a clemência do Imperador e estar no seio de Roma, de seus amigos e familiares.

No exílio, Ovídio vê sua vida anoitecer como lemos no v. 6 do Soneto de Gregório de Matos. Assim como Gregório deseja ver *A brandura de um Pai, manso cordeiro* (v. 8), Ovídio, também, deseja

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

que o pai soberano dos deuses (v. 37), o dirigente e pai da pátria (v. 39) lhe conceda a tão sonhada clemência.

Ovídio confessa seu crime e reconhece que seu *ingenium* (v. 2 e 12) o condenou.

*Ingenio perii qui miser ipse mea?* (v. 2)

Eu próprio infeliz que sucumbi por causa de meu talento.

...: *ingenio poena reperta meo.* (v. 12)

Meu castigo foi obtido por causa de meu talento.

O reconhecimento de que seu *ingenium* (talento, criação poética) o prejudicou é revelado nos v. 79-80, do Livro III, elegia 3:

*Quos ego confido, quamvis nocuere, daturos  
Nomen, et auctori tempora longa suo.*

Eu confio que eles (meus livros), posto que me tenham prejudicado, hão de dar renome e uma longa celebridade a seu autor.

Mas ele também ressalta as boas qualidades do Imperador, o deus presente e visível, ao denominá-lo pelo tratamento de *mitissime Caesar* (v. 27) e *uir maxime* (v. 55). Lembra sua benevolência com o partido vencido. A eles, Augusto, muitas vezes, dava-lhes o perdão que, segundo o poeta, o partido vencedor jamais dispensaria ao Imperador. Assim, como o amor do Deus cristão é infinito, assim também o é o do deus pagão de Ovídio. (v. 43-44). No seu Soneto, Gregório também discorre sobre a benevolência de seu Deus que está pendente de um madeiro (v. 1).

Mui grande é vosso amor e o meu delito,

.....  
E não o vosso amor, que é infinito. (v. 9 e 11)

Côncios de seus pecados, de seus *carmen et error*, tanto o poeta Ovídio quanto o poeta Gregório de Matos confiavam e desejam o perdão de um deus pagão ou cristão e, para este fim, lançam não de parte de suas obras para solicitarem este perdão. Em Ovídio:

*His, precor, exemplis tua nunc, mitissime Caesar,  
Fiat ab ingenio mollior ira meo!* (v. 27-28)

Ó Clementíssimo César, eu (te) *suplico* que agora a tua cólera se torne mais branda graças ao meu talento.

Exortant magnos carmina saepe deos; (v. 22)

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Muitas vezes, os versos abrandam os deuses.

Em Gregório de Matos:

Esta razão me obriga a *confiar*,  
Que, por mais que pequeei, neste conflito  
*Espero* em vosso amor de me salvar (v. 12-14)

Na esperança de conseguir a clemência de Augusto, Ovídio utiliza, dentre outros, os verbos *precor* (eu te suplico) e *exortant* (abrandam), e Gregório de Matos, os verbos *esperar*, *confiar* e *abrandar* (v. 6, Soneto1).

Diante deste cotejo das poesias elegíacas, uma do século I d. C, outra do século XVII, poderíamos questionar se Ovídio (Publius Ovidius Naso) foi um barroco no período áureo da literatura latina ou se terá sido o Boca do Inferno um romano.

Em nosso trabalho, pretendemos somente mostrar o infortúnio pelo qual passou Ovídio ao ser *relegatus* em Tômis e a tentativa em conseguir a clemência do ex – amigo e Imperador registradas nos versos de 1 – 60 do Livro II dos *Tristia*, e que, junto com as *Epistulae ex Ponto*, dentre outras obras, foram escritas na época de seu banimento de Roma. E a partir deste procedimento, mostramos também o desejo de Gregório de Matos em obter o perdão divino para os seus pecados.

### CONCLUSÃO

Na coletânea elegíaca *TRISTIA*, composta de cinco livros (*libelli*), uma das obras escritas no desterro (*relegatio*), em Tômis, Ovídio nos revela seu infortúnios, seus temores e sua esperança na clemência do amigo e Imperador Augusto. O poeta descreve em estilo patético suas experiências, seu sentimentalismo e a expressão de dor após a ruptura e a separação, não só da *URBS*, mas, principalmente, de seus familiares e dos amigos.

Na obra elegíaca, *corpus* do nosso trabalho, assim como na posterior obra ovidiana do exílio – *EPISTULAE Ex PONTO* –, dentre outras, podemos constatar a cisão entre dois tempos na vida do poeta. Um anterior e outro posterior ao banimento para um local inóspito, cercado de bárbaros. No primeiro, estão a vivacidade, a ju-

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

ventude, e. a vida mundana de Roma ; no segundo momento, estão a velhice e a morte a lhe perpassar a alma a cada dia que passa em Tômis à espera da clemência de Augusto que, durante um período, sentia ser possível. Com o passar do tempo, esquecido e relegado ao seu próprio destino, cômico de seu futuro, percebe que este perdão não chegará.

Com a morte do Imperador Augusto e a subida ao trono de Tibério, a esperança da clemência torna-se impossível. Falece o poeta Ovídio no ano 18, sem ter colocado novamente seus pés em Roma; apenas seus pés métricos retornaram a Roma junto com sua obra, designada pelo poeta como “...*infelix cura, libelli*” (v. 1).

Já nos versos de Gregório de Matos vemos um poeta arrependido de seus pecados que implora o perdão ao Deus misericordioso, que sempre acolhe os pecadores arrependidos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYET, Jean. *Littérature latine*. 10. éd. rev. corr. Paris: Armand Colin, 1962.

CARCOPINO, J. *Roma no apogeu do Império*. Trad. de H. Feist. São Paulo: Cia. das Letras; Círculo do Livro, 1990.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Festas romanas: da época dos reis ao advento do Cristianismo*. Palestra proferida no VI Congresso da SBEC. Rio de Janeiro, UFRJ, julho, 2005.

CORREIA, Natália & FERREIRA, David Mourão. *Ars Amatoria*. São Paulo: Ars Poética, 1992, p. 11.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 2007.

ELIADE, M. *História das crenças e das ideias religiosas*. Trad. R. C. Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, v. 1, t. 2.

FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

\_\_\_\_\_. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

- GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 4. ed. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.
- KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1960.
- LOPES, Eliana da Cunha. *Heroides XVI e XVII de Ovídio: um hino de amor*. Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Latina. Rio de Janeiro. UFRJ. Faculdade de Letras, 1993, 213 p. mimeo.
- MAROUZEAU, J. . *Traité de stylistique latine*. 5. tir. Paris: Belles Lettres, 1970.
- MARTIN, René. *Dictionnaire culturel de la mythologie gréco-romaine*. Paris: Nathan, 1992.
- MARTIN, René. & GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Éditions Nathan, 1990.
- MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos*. Seleção, introdução e notas de José Miguel Wisnik. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 297, 298, 300.
- MATOS, Gregório de. *Os melhores poemas*. São Paulo: Global.
- MATOS, Gregório de. *Antologia poética*. São Paulo: Ediouro- Editora do Brasil, [s.d.].
- OVIDE. *Tristes*. Text établi et traduit par Jacques André. Paris: Les Belles Lettres. 1987.
- OVÍDIO. *Cartas Pônticas*. introdução, tradução e notas de Geraldo José Albino; revisão da tradução Zelia de Almeida Cardos. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2009.
- RIPERT, E. *Ovide, poète de l'amour, des dieux et de exil*. Paris: Armand Colin, 1921.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português* 11. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.
- VIDEAU-DELIBES, Anne. *Les Triste d'Ovide et l'Élegie romaine*. Paris: Klincksieck, 1991.